JUVENTUDE ANGUSTIADA

PAULO SÁ

Tenta-se elaborar no presente artigo uma tipologia de nossa juventude. Como todos os tipos abstratos, não existem também na realidade os tipos aqui configurados. São apenas instrumentos conceituais de análise para ajudar a uma aproximação, a uma compreensão maior desta juventude tão rica de contrastes. É arriscado elogiá-la em bloco, porque tem muitas sombras; mais arriscado, porém, seria condená-la em bloco, porque tem muitas luzes e porque, queiramos ou não, é seu o mundo de amanhã, de cuja construção ela se decidiu a participar.

É FREQÜENTE ouvir sôbre nossa juventude a formulação dos juízos mais radicais e mais contraditórios. Para uns, é uma juventude perdida na irresponsabilidade do *playboysmo* ou na agitação política e que, no fundo, não quer nada senão evadir-se de seu primeiro e único dever de estudar. Outros, ao contrário, saúdam nela uma juventude nova que, libertada de um egoísmo carreirista, soube engajar-se sèriamente em seus compromissos com os grandes problemas nacionais.

A própria veemência com que êsses juízos contraditórios são emitidos revela, por um lado, a dificuldade de eliminar a interferência de elementos subjetivos, emocionais, na sua formulação e, por outro, a riqueza mesma e complexidade do problema. A verdade é que a juventude de hoje é um

assunto que apaixona e, muitas vêzes, é dirimido com entusiasmo ou severidade excessivos, segundo a visão global otimista ou pessimista que cada um tem do processo histórico que estamos vivendo.

A juventude de hoje é ainda um assunto complexo pela variedade de fôrças e pela riqueza de esperanças de que é portadora. Uma coisa, de início, parece certa: ela não é mais uma juventude amorfa e domesticada, tranqüilamente acomodada ao ideal burguês de se equipar para exercer uma profissão suficientemente rendosa, que lhe permita viver como viveram seus avós. Ela não se contenta mais com submeter-se à aridez de um curso universitário, entremeando-o com purgações hedonísticas junto aos dejetos de uma sociedad da qual não se sente responsável, sempre com a complacência silenciosa dos velhos que vêem em tudo a inevitável repetição da velha história humana.

Se há uma característica dominante em nossa juventude é esta: em sua grande maioria, ela se decidiu a participar na construção do mundo que será o seu. A decisão pode ser errada, mas não deixa de ser compreensível. Errada, porque se pode duvidar do valor da contribuição da inexperiência juvenil. Compreensível, porque é natural que ela queira dizer sua palavra sôbre o mundo em que terá de viver; porque é natural que ela esteja profundamente decepcionada com o melancólico espetáculo que lhe oferecem os chamados homens experientes, espetáculo de egoísmos entrincheirados, de incompreensões mútuas, de ganâncias truculentas, de frivolidades senis.

Se tentássemos elaborar uma espécie de tipologia de nossa juventude, poderíamos distinguir nela várias categorias, das quais nem tôdas honram o idealismo da idade. É preciso ter presente, entretanto, que estas categorias são abstratas e não são exclusivas. São abstratas, isto é, resultado de uma elaboração mental que configura tipos característicos dispersos na realidade. Não são exclusivas, isto é, na realidade se encontram muitas vêzes confundidas. Raramente se encontram na realidade encarnações perfeitas dos tipos abstratos. Êstes são apenas aproximações teóricas que

permitem uma primeira compreensão da complexidade do real.

Uma primeira seria a do tipo *playboy*. Não faltam as que vêem nêle a figura mais expressiva da desintegração cultural em que vivemos. Êle exprimiria uma fase de transição histórica, com a mesma autenticidade com que a exprimem a pintura e a música modernas. Esta concepção do *playboy* lhe confere um pouco a conotação de vítima do tempo, o que é, em parte, verdade, conquanto êle se recuse a qualquer forma de compaixão. Assistindo a uma tremenda desintegração de valôres morais, familiares, cívicos, políticos e culturais, êle erigiu em norma para sua vida a negação de todos os valôres. Assumiu intencionalmente formas desconcertantes de pensar e de agir. O drama do *playboy* é muito mais profundo e muito mais sinistro do que pensam aquêles que vêem no *playboysmo* uma forma efêmera de leviandade juvenil. O *playboy* é o resultado vivo da devastação dos valôres, que preferiu a sua negação total à sua afirmação hipócrita.

Mas, não se deve esquecer que ao lado do *playboy*, produto do tempo e, portanto, de certo modo autêntico pela sua mesma incapacidade de uma reflexão crítica de sua própria condição, há também o *playboy* salafrário, *playboy* por exploração, que adotou as formas de vida do *playboysmo* sem ter sido gerado na angústia que o gerou; que assume os comportamentos do *playboy* porque lhe satisfazem mais os apetites insaciáveis. Curioso é que entre êste subtipo de *playboy* se encontram muitos que se dizem marxistas. Enganaram-se completamente quanto à significação exata do marxismo. Viram nêle a negação da religião e o relativismo moral que lhes permitiria, num gesto displicente, rotular de tabus ou preconceitos burgueses todos os imperativos morais. Buscaram no marxismo uma racionalização da indecência. *"Parce qu'ils non pas pu vivre leurs maximes, ils ont maximé leurs vies"* (Montaigne). O marxismo os tolera como aliados eventualmente úteis, porque para êle tudo o que cai na rêde é peixe, mas o verdadeiro marxista sabe muito bem que não há lugar para *playboy* numa sociedade marxista, como não o há, aliás, em nenhuma sociedade que se preze. É um fim

de raça que, em dias melhores, a humanidade haverá de recordar com espanto, como uma das expressões mais trágicas e mais abjetas de uma sociedade que se desintegrou.

*

Outro tipo de jovem é o que se convenciona chamar de tipo *sério*. É o tipo representado pelos rapazes e môças que estudam, o que não significa necessàriamente que sejam brilhantes.

Também êste tipo comporta certas variantes. Uma delas é constituída por aquêles para os quais o estudo oferece um alibi para não se comprometerem ideològicamente, para evitar o problema de uma opção ideológica. São estudantes, têrmo que para êles vale como um mero substantivo, como a designação de uma categoria que lhes garante certos privilégios. O têrmo designa uma fase da vida, que dá direito à despreocupação pelos "grandes problemas", desde que o beneficiário desempenhe honestamente suas funções, o que, na prática, significa não ser reprovado.

Há, contudo, também os que são estudantes, no sentido participial do têrmo. São aquêles que estudam mesmo, e é preciso que se saiba que são os mais numerosos. Estudam por vários motivos: emulação, desejo de agradar à namorada, de preparar-se para uma carreira que lhes garanta um meio de vida e, enfim, por motivo mais nobre, que de resto não exclui os outros, a convicção sincera de que o melhor meio de servir agora ao Brasil é preparar-se para exercer amanhã com competência uma atividade útil à comunidade.

É arriscado elogiar em bloco os que estudam. Entre êles, se escondem muitos que, no estudo, buscam apenas uma evasão, e com motivações espúrias; entre êles se encontram não poucos que tomam o estudo com um minimalismo calculista, visando apenas a usufruir as vantagens de sua condição. Mas, é arriscado também ridicularizar em bloco os que estudam. Entre êles se encontra uma fração sôbre a qual se concentram as melhores esperanças do amanhã, uma fração, a dos obstinados obscuros, que, no mundo tecnológico do amanhã, decidirá dos destinos de todos e a cuja sombra virão

curtir suas frustrações os famosos líderes de outrora. Não que imaginemos que o mundo de amanhã será dos "bonzinhos". Êle será dos que amanhã poderão responder com competência por um trabalho para o qual se formaram com seriedade.

*

Há, enfim, um terceiro tipo de jovem, o mais discutido, que se poderia chamar o comprometido, ou, para usar de um neologismo horrível mas já corrente, o *engajado*. É a categoria de jovens que assumiram uma posição ideológica; que se envolveram em atividades tendentes a colaborar para o triunfo da ideologia que escolheram e que, ainda, tomam suas atividades universitárias, os seus estudos, como um meio para a realização de seu engajamento.

Existem inúmeros equívocos relativos a êste tipo de jovem. Muitos os confundem e os reduzem a meros estudantes profissionais, isto é, aquêles que, vivendo de rendas provenientes de fontes escusas, se instalaram na condição de estudantes ùnicamente para desenvolver no meio estudantil atividades político-ideológicas. São pagos para isto. É injusto identificar com êles os comprometidos. Há muitos dêsses que o são por convicção e idealismo, e são mais numerosos que os profissionais.

Outros julgam que todos os engajados são necessàriamente maus alunos. Também tal juízo não corresponde à verdade, inclusive por uma razão que espera ainda uma explicação cabal: é um fato que entre os comprometidos se encontra alta percentagem de alunos inteligentes e que com inteligência suprem suficientemente o tempo que lhes é absorvido por outras atividades.

Outros, enfim, os identificam com os esquerditas, comunizantes ou comunistas. Também esta identificação não é adequada à realidade dos fatos. Quem vive hoje em contato com a juventude universitária, sabe que entre os engajados existem estudantes de esquerda, de centro e de direita, de esquerda positiva e negativa, de centro-esquerda e de centro-direita, da direita moderada e da extrema direita como

da extrema esquerda; existem estudantes engajados comunistas, socialistas, solidaristas, capitalistas e reacionários.

É estranho que não se observe mais um engajamento dos jovens católicos enquanto católicos. Dizemos "não se observe mais", porque nos queremos referir a um passado não muito remoto no qual jovens católicos se engajavam com entusiasmo, com pertinácia, com um calor que atingia às vêzes as raias da violência, em lutas e atividades nas quais procuravam inserir e integrar os dados fundamentais de sua fé e as diretivas de sua Igreja, nos grandes problemas educacionais, políticos, sociais que interessavam a comunidade em que viviam.

Vemos a explicação do fato nas circunstâncias de que engajamento significa hoje participação do católico enquanto católico nas suas responsabilidades temporais. Engajamento implica hoje uma referência direta ao temporal, à cidade terrena da qual o católico se sente responsável. Êste nôvo sentido do engajamento talvez tenha sua origem no fato de uma tomada de consciência aguda do jovem católico de que todos os seus esforços de apostolado se dissipavam numa superfície inexpressiva, mas não atingiam a raiz dos males, a iniqüidade das próprias estruturas sociais. E êle se engajou numa luta total. Sentindo que esta nova orientação de seu engajamento poderia comprometer as organizações especìficamente católicas, êle buscou movimentos paralelos e dissidentes, onde pudesse atuar com maior liberdade de movimentos.

Do ponto-de-vista católico, esta nova orientação do engajamento deu resultados bons ou maus? É difícil ainda uma apreciação global, mas ao menos podemos registrar os seguintes dados. A preocupação, a urgência, pelo engajamento na ação temporal fizeram com que muitos jovens católicos descuidassem o aprofundamento de sua formação católica, o sentido de Cristo e da Igreja em sua vida. Para alguns, o defrontar-se com os problemas da ação fêz sentir o despreparo de sua formação e os levou a uma revisão muito mais séria de seu catolicismo, a partir da qual chegaram a uma reflexão crítica das doutrinas anticristãs, inclusive do marxismo. Para êstes, a ação foi de fato uma escola de for-

mação. Mas a nossa impressão é que êstes não foram muitos. O despreparo da grande maioria não lhe permitiu resistir ao fascínio de doutrinas que lhes eram apresentadas numa orquestração de *slogans* e de fraseologias empolgantes, envolvidas numa exigência radical de justiça e de libertação que despertava no coração jovem uma irresistível cumplicidade. E o fato é que, para muitos, o engajamento na ação se associou a uma crise total, não só da prática religiosa, mas da própria fé. Muitos são hoje absolutamente agnósticos e vêem neste agnosticismo um índice de maturidade intelectual. É de justiça notar, entretanto, que êles não são os únicos responsáveis pelo seu despreparo.

Se muitos não receberam formação, foi porque esta não lhes foi dada em tempo útil e em têrmos adequados: chegou tarde demais, e chegou velha demais.

O fato de um jovem se engajar, de ter feito uma opção ideológica, em si, não merece crítica. Muitos dos que criticam acerbamente os engajados de esquerda, cultuam e estimulam os engajados de direita, e *vice versa*. O engajamento de uma alta percentagem de nossa juventude é um fato comovente, justo e extremamente sério.

É comovente que jovens, muitas vêzes sacrificando as distrações da idade, estejam empenhados em debates, em campanhas, em atividades de promoção de suas idéias e de seus ideais, enquanto outros colegas seus estejam no cinema ou na Barra da Tijuca.

É justo que o jovem de hoje esteja empenhado na construção do mundo de amanhã, que será o seu mundo e não daqueles que agora os invectivam.

O engajamento dêstes jovens é extremamente sério. Êles não teriam sido levados a se engajarem, se lhes tivesse sido legado um mundo mais justo e mais cristão; se não tivessem diante dos olhos o espetáculo estarrecedor da omissão, da irresponsabilidade, da corrupção dos adultos. O engajamento dêles é uma censura às gerações que os geraram. O engajamento dêles é extremamente sério, porque não nasceu de uma atitude leviana, mas foi o resultado de uma opção amadurecida na análise de fatos, na decepção e, não raro, no rancor. É impressionante, aliás, como êste amadure-

cimento se opera muitas vêzes, de modo decisivo, já em nível colegial, pré-universitário. Muitos dêsses jovens estão decididos a levar seu engajamento até o sacrifício, até o heroísmo.

Não se deve criticar o engajamento em si, mas a orientação que nos diversos casos assume e na maneira por que é, às vêzes, realizado, no atropêlo irreparável do desempenho de outras responsabilidades. Mas é natural que os adultos, hoje, não compreendam as coisas assim, adultos cuja vida universitária transcorreu num contexto completamente diferente. Esta dificuldade de compreensão determina, porém, um hiato entre as duas gerações, hiato que pode acentuar a distância, capaz de evoluir para a hostilidade. Os engajados pedem um crédito de confiança, desejam o diálogo e seria sumamente perigoso tomá-los com leviandade ou preferir domá-los pela brutalidade.

Uma posição de engajamento é em si mesma perigosa, pelos riscos de um falso engajamento em ideologias que haverão de conspurcar e destruir o que há de mais belo no jovem: seu amor à vida, sua liberdade e seu idealismo. Posição perigosa pelos riscos de uma concorrência desmedida às responsabilidades universitárias do estudante, o que só pode conduzir à proliferação de um tipo detestável de homem: o intelectual medíocre e frustrado. Posição perigosa pelo risco de se exacerbar numa crispação irracional que faça perder a lucidez e deixe ver apenas as soluções violentas.

Pelo mesmo fato de ser perigosa, a posição de engajamento exige compreensão e competência. Quem pode convencer um jovem a mudar de rumo, acenando-lhe com a possibilidade de risco? Quantas vêzes êste, longe de afastá-lo, o provoca ainda mais? Qual o adulto de hoje que, na juventude, não se deixou seduzir pela atração do risco?

O jovem comprometido merece um crédito de confiança, o que não significa um cheque em branco, mas a abertura para o diálogo honesto. Quanto mais não fôsse, por uma única razão: os velhos passam e os jovens ficam; queiramos ou não queiramos, é dêles o mundo de amanhã.